

1,35

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey
Em colaboração com
ANNA FREUD

Assistido por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XII
(1911-1913)

O CASO DE SCHREBER
ARTIGOS SOBRE TÉCNICA
e
OUTROS TRABALHOS

Traduzido do Alemão e do Inglês sob a Direção-Geral e
Revisão Técnica de
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio
de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica
de Grupo do Rio de Janeiro.

Tradução de
JOSÉ OCTAVIO DE AGUIAR ABREU

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

NOTA DO EDITOR INGLÊS

FORMULIERUNGEN ÜBER DIE ZWEI PRINZIPIEN DES PSYCHISCHEN GESCHEHENS

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

- 1911 *Jb. psychoan. psychopath. Forsch.*, **3** (1), 1-8.
1913 *S. K. S. N.*, **3**, 271-9. (1921, 2ª ed.)
1924 *G. S.*, **5**, 409-17.
1931 *Theoretische Schriften*, 5-14.
1943 *G. W.*, **8**, 230-8.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'Formulations Regarding the Two Principles in Mental Functioning'

- 1925 *C. P.*, **4**, 13-21. (Trad. de M. N. Searl.)

A presente tradução inglesa, com o título modificado, baseia-se na publicada em 1925, mas foi em grande parte redigida novamente.

Informa-nos o Dr. Ernest Jones que Freud começou a planejar este artigo em junho de 1910, e que trabalhava nele simultaneamente com a história clínica de Schreber (1911c). Seu progresso foi lento, mas, em 26 de outubro, falou sobre o assunto perante a Sociedade Psicanalítica de Viena; achou a assistência indiferente, porém, e ele próprio se achava insatisfeito com sua apresentação. Foi somente em dezembro que começou realmente a escrever o artigo. Achava-se pronto ao final de janeiro de 1911, mas não foi publicado senão no fim da primavera, quando apareceu no mesmo número do *Jahrbuch* que o caso Schreber.

Com este notório artigo, que constitui um dos clássicos da psicanálise, e com a terceira parte, quase contemporânea, da história clínica de Schreber, Freud, pela primeira vez após

um intervalo de mais de dez anos, novamente empreendeu o exame das hipóteses teóricas gerais que se achavam implícitas em suas descobertas clínicas. Sua primeira tentativa ampla de tal exame fora feita em terminologia quase neurológica, em seu 'Project for a Scientific Psychology', de 1895, que no entanto, não foi publicado durante a sua vida (Freud, 1950a). O Capítulo VII de *A Interpretação de Sonhos* (1900a) foi a exposição de um conjunto muito semelhante de hipóteses, mas, desta vez, em termos puramente psicológicos. Grande parte do material do presente artigo (especialmente em sua primeira parte) deriva diretamente destas duas fontes. O trabalho dá a impressão de ter o caráter de um levantamento de estoque. É como se Freud estivesse trazendo à sua própria inspeção, por assim dizer, as hipóteses fundamentais de um período anterior e preparando-as para servir de base para os principais exames teóricos que se achavam adiante, no futuro imediato: o artigo sobre narcisismo, por exemplo, e a grande série dos artigos metapsicológicos.

A presente exposição de suas opiniões é excessivamente condensada, não sendo fácil de assimilar, mesmo hoje. Embora saibamos agora que Freud muito pouco dizia nela que já não se achasse há muito tempo em sua mente, por ocasião de sua publicação deve ter impressionado os leitores como desconcertantemente cheia de novidades. Os parágrafos assinalados (1), por exemplo, na p. 279 e segs., seriam verdadeiramente obscuros para aqueles que não se achassem familiarizados com o 'Projeto' ou com os artigos metapsicológicos e que tivessem de retirar o esclarecimento que pudessem de um certo número de passagens quase igualmente condensadas e muito pouco sistematizadas de *A Interpretação de Sonhos*. Não é de surpreender que a primeira assistência de Freud se mostrasse indiferente.

O tema principal da obra é a distinção entre os princípios reguladores (o princípio de prazer e o princípio de realidade) que dominam, respectivamente, os processos mentais primário e secundário. A tese, na verdade, já fora enunciada na Seção I da Parte I do 'Projeto' e elaborada nas Seções 15 e 16 da Parte I e nas partes posteriores da Seção I da Parte III. Foi novamente examinada no Capítulo VII de *A Interpretação de Sonhos* (Edição Standard Brasileira., Vol. V, p. 602-41 e 636

e segs., IMAGO Editora, 1972), mas o tratamento mais completo foi reservado para o artigo sobre a metapsicologia dos sonhos (1917d [1915]), escrito cerca de três anos após o presente. Um relato mais pormenorizado do desenvolvimento das opiniões de Freud sobre a questão de nossa atitude mental para com a realidade pode ser encontrado na Nota do Editor Inglês a esse artigo (Edição Standard Brasileira., Vol. XIV, p. 249 e segs., IMAGO Editora, 1974).

Perto do fim do trabalho, surgem vários outros tópicos relacionados, cujo desenvolvimento ulterior (como o do tema principal) é deixado para posterior investigação. Na verdade, todo o artigo foi (como o próprio Freud observa) de natureza preparatória e exploratória, mas não é menos interessante por essa razão.

A maior parte deste artigo, na versão de 1925, foi incluída em *General Selection from the Works of Sigmund Freud* (1937, 45-53), de Rickman.

FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL

Há muito tempo observamos que toda neurose tem como resultado e portanto, provavelmente, como propósito, arrancar o paciente da vida real, aliená-lo da realidade.¹ Não poderia um fato assim fugir à observação de Pierre Janet; ele falou de uma perda de '*la fonction du réel*' ['a função da realidade'] como sendo característica especial dos neuróticos, mas sem descobrir a vinculação deste distúrbio com as determinantes fundamentais da neurose.² Pela introdução do processo de repressão na gênese das neuroses, pudemos obter uma certa compreensão interna (*insight*) com referência a isto. Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável — seja no todo ou em parte. O tipo mais extremo deste afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose alucinatória que procuram negar o evento específico que ocasionou o desencadeamento de sua insanidade (Griesinger).³ Mas, na verdade, todo neurótico faz o mesmo com algum fragmento da realidade.⁴ E defrontamo-nos agora com a tarefa de investigar o desenvolvimento da relação dos neuróticos e da humanidade em geral com a realidade e, desta maneira, de trazer

¹ [A idéia, com a expressão 'fuga para a psicose', já pode ser encontrada na Seção III do primeiro artigo de Freud sobre 'The Neuro-Psychoses of Defence' (1894a). A expressão real 'fuga para a doença' ocorre na Seção B de seu artigo sobre crises histéricas (1909a).]

² Janet, 1909.

³ [W. Griesinger (1817-1868) foi um famoso psiquiatra berlinense de uma geração anterior, muito admirado pelo professor de Freud, Meynert. A passagem citada no texto é indubitavelmente a mencionada por Freud três vezes, em *A Interpretação de Sonhos* (1909a), Edição Standard Brasileira, Vol. IV, p. 96, 143 e 245n., IMAGO Editora, 1972, e novamente no Capítulo VI do livro sobre chistes (1905c). Nesta passagem, Griesinger (1845, 893), chama a atenção para o caráter realizador de desejos das psicoses e dos sonhos.]

⁴ Otto Rank (1910) recentemente chamou a atenção para uma previsão notavelmente clara desta causação em *O Mundo como Vontade e Idéia*, de Schopenhauer [Parte II (Suplementos), Capítulo 32].

a significação psicológica do mundo externo e real para a estrutura de nossas teorias.

Na psicologia que se baseia na psicanálise, acostumamos a tomar como ponto de partida os processos mentais inconscientes, com cujas peculiaridades nos tornamos familiarizados através da análise. Consideramos que são os processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase de desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental. O propósito dominante obedecido por estes processos primários é fácil de reconhecer; ele é descrito como o princípio de prazer-desprazer [*Lust-Unlust*], ou, mais sucintamente, princípio de prazer.¹ Estes processos esforçam-se por alcançar prazer; a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer. (Aqui, temos a repressão.) Nossos sonhos à noite e, quando acordados, nossa tendência a afastar-nos de impressões aflitivas são resquícios do predomínio deste princípio e provas do seu poder.

Retorno a linhas de pensamento já desenvolvidas noutra parte² quando sugiro que o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória, tal como ainda acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite.³ Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir

¹ [Este parece ter sido o primeiro aparecimento do termo atual 'princípio de prazer'. Em *A Interpretação de Sonhos*, é sempre denominado 'princípio de desprazer' (p. ex., Edição *Standard Brasileira*, Vol. V, p. 638, IMAGO Editora, 1972).]

² Na Seção Geral de *A Interpretação de Sonhos*. [Isto é, no Capítulo VII. Ver, em particular, Edição *Standard Brasileira*, Vol. V, p. 602-4 e segs., IMAGO Editora, 1972. Mas o que se segue, na maior parte, é também prenunciado no 'Projeto' de 1895. Cf., por exemplo, o final da Seção 11 e a Seção 15 da Parte I.]

³ O estado de sono é capaz de restabelecer a semelhança da vida mental, tal como era antes do reconhecimento da realidade, porque um dos pré-requisitos do sono é uma rejeição deliberada da realidade (o desejo de dormir).

formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável.¹ Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso.

(1) Em primeiro lugar, as novas exigências efetuaram uma sucessão de adaptações necessárias no aparelho psíquico, as quais, devido a nosso conhecimento insuficiente ou incerto, só podemos relatar muito superficialmente.

A significação crescente da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigi-

¹ Tentarei ampliar a descrição esquemática acima com outros pormenores. Corretamente objetar-se-á que uma organização que fosse escrava do princípio de prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo não se poderia manter viva, nem mesmo pelo tempo mais breve, de maneira que não poderia ter existido de modo algum. A utilização de uma ficção como esta, contudo, justifica-se quando se considera que o bebê — desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe — quase realiza um sistema psíquico deste tipo. Ele provavelmente alucina a realização de suas necessidades internas; revela seu desprazer, quando há um aumento de estímulo e uma ausência de satisfação, pela descarga motora de gritar e debater-se com os braços e pernas, e então experimenta a satisfação que alucinou. Posteriormente, criança de mais idade, aprende a empregar intencionalmente estas manifestações de descarga como métodos de expressar suas emoções. Visto que o cuidado posterior das crianças modela-se no cuidado dos bebês, o predomínio do princípio de prazer só pode realmente terminar quando a criança atingiu um completo desligamento psíquico dos pais. — Um exemplo nítido de sistema psíquico isolado dos estímulos do mundo externo e capaz de satisfazer autistamente (para empregar a expressão de Bleuler [1912]) mesmo suas exigências nutricionais é fornecido por um ovo de pássaro, com sua provisão de alimento encerrada na casca; para ele, o cuidado proporcionado pela mãe limita-se ao fornecimento de calor. — Não o encararei como exceção, mas como amplificação do quadro esquemático em exame, se se insistir que um sistema que vive de acordo com o princípio de prazer deve possuir dispositivos que o capacitem a afastar-se dos estímulos da realidade. Tais dispositivos são simplesmente o correlativo de 'repressão', que trata os estímulos desagradáveis internos como se fossem externos — ou seja, empurra-os para o mundo externo.

dos para esse mundo externo, e da *consciência* a eles ligada. A consciência aprendeu então a abranger qualidades sensórias, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Instituiu-se uma função especial, que tinha de periodicamente pesquisar o mundo externo, a fim de que seus dados já pudessem ser conhecidos se uma urgente necessidade interna surgisse: a função da *atenção*.¹ Sua atividade vai encontrar as impressões sensórias a meio caminho, ao invés de esperar por seu aparecimento. Ao mesmo tempo, provavelmente, foi introduzido um sistema de *notação*, cuja tarefa era assentar os resultados desta atividade periódica da consciência — uma parte do que chamamos *memória*.

O lugar da repressão, que excluía da catexia como produtoras de desprazer algumas das idéias emergentes, foi assumido por uma *passagem de julgamento imparcial*,² que tinha de decidir se determinada idéia era verdadeira ou falsa — isto é, se se achava ou não em concordância com a realidade —, decisão que era determinada efetuando-se uma comparação com os traços de memória da realidade.

Nova função foi então atribuída à descarga motora, que, sob o predomínio do princípio de prazer, servira como meio de aliviar o aparelho mental de adições de estímulos, e que realizara esta tarefa ao enviar inervações para o interior do corpo (conduzindo a movimentos expressivos, mímica facial e manifestações de afeto). A descarga motora foi agora empregada na alteração apropriada da realidade; foi transformada em *ação*.³

¹ [Algumas observações sobre as opiniões de Freud sobre a atenção podem ser encontradas na nota de rodapé 2 do Editor Inglês ao artigo metapsicológico sobre 'O Inconsciente', Edição *Standard* Brasileira, Vol. XIV, p. 220, IMAGO Editora, 1974.]

² [Esta noção, amiúde repetida por Freud, aparece já na primeira edição de seu livro sobre chistes (1905c, perto do final do Capítulo VI), sendo examinada mais profundamente em seu artigo posterior sobre 'A Negativa' (1925h).]

³ [Cf. 'Projeto', Parte I, Seção 11.]

A coibição da descarga motora (da ação), que então se tornou necessária, foi proporcionada através do processo do *pensar*, que se desenvolveu a partir da apresentação de idéias. O pensar foi dotado de características que tornavam possível ao aparelho mental tolerar uma tensão aumentada de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado. Ele é essencialmente um tipo experimental de atuação acompanhado por deslocamento de quantidades relativamente pequenas de catexia, junto com menor dispêndio (descarga) destas.¹ Para este fim, foi necessária a transformação de catexias livremente móveis em catexias vinculadas o que se conseguiu mediante elevação do nível de todo o processo catexial. É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais.²

(2) Uma tendência geral de nosso aparelho mental, que pode ser remontada ao princípio econômico de poupar consumo [de energia], parece encontrar expressão na tenacidade com que nos apegamos às fontes de prazer à nossa disposição e na dificuldade com que a elas renunciamos. Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; ela foi liberada do teste de realidade e permaneceu subordinada somente ao princípio de prazer.³ Esta atividade é o *fantasiar*, que começa já nas brinca-

¹ [Cf. 'Projeto', Parte I, Seção 18, e *A Interpretação de Sonhos*, Edição *Standard* Brasileira, Vol. V, p. 637-8, IMAGO Editora, 1972.]

² [Cf. 'Projeto', Parte II, Seção I, e *A Interpretação de Sonhos*, Edição *Standard* Brasileira, Vol. V, p. 612 e 655, IMAGO Editora, 1972. Isto é desenvolvido ainda na Seção VII de 'O Inconsciente' (1915e).]

³ Da mesma maneira, uma nação cuja riqueza resida na exploração do produto de seu solo mesmo assim preservará certas áreas em seu estado original, para protegê-las das mudanças ocasionadas pela civilização. (P. ex., o Yellowstone Park.) [Cf. os exames de fantasias em 'Creative Writers and Day-Dreaming' (1908e) e em 'Hysterical Phantasies and their Relation to Bisexuality' (1908a). A expressão '*Realitätsprüfung*' ('teste de realidade') parece fazer seu primeiro aparecimento nesta frase.]

deiras infantis, e posteriormente, conservada como *devaneio*, abandona a dependência de objetos reais.

(3) A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, com todas as conseqüências psíquicas envolvidas aqui esquematicamente condensadas numa só frase, não se realiza, na verdade, de repente; tampouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego, os instintos sexuais se desligam deles de maneira muito significativa. Os instintos sexuais comportam-se auto-eroticamente a princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade. Quando, posteriormente, começa o processo de encontrar um objeto, ele é logo interrompido pelo longo período de latência que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores — auto-erotismo e período de latência — ocasionam que o instinto sexual seja detido em seu desenvolvimento psíquico e permaneça muito mais tempo sob o domínio do princípio de prazer, do qual, em muitas pessoas, nunca é capaz de se afastar.

Em conseqüência destas condições, surge uma vinculação mais estreita entre o instinto sexual e a fantasia, por um lado, e, por outro, entre os instintos do ego e as atividades da consciência. Tanto em pessoas sadias quanto em neuróticos, esta vinculação impressiona-nos como muito íntima, embora as considerações de psicologia genética que acabaram de ser apresentadas levem-nos a identificá-la como *secundária*. A continuidade do auto-erotismo é que torna possível reter por tanto tempo a satisfação momentânea e imaginária mais simples em relação ao objeto sexual, em lugar da satisfação real, que exige esforço e adiamento. No campo da fantasia, a repressão permanece todo-poderosa; ela ocasiona a inibição de idéias *in statu nascendi* antes que possam ser notadas pela consciência, se a catexia destas tiver probabilidade de ocasionar uma liberação de desprazer. Este é o ponto fraco de nossa organização psíquica; e ele pode ser empregado para restituir ao domínio do princípio de prazer processos de pensamento que já se haviam tornado racionais. Parte essencial da disposição psíquica à neurose reside assim na demora em ensinar os instintos sexuais a considerar a rea-

lidade e, como corolário, nas condições que tornam possível esta demora.

(4) Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é *útil* e resguardar-se contra danos.¹ Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro. Mas a impressão endopsíquica causada por esta substituição foi tão poderosa que se reflete num mito religioso especial. A doutrina da recompensa noutra vida pela renúncia — voluntária ou forçada — dos prazeres terrenos nada mais é que uma projeção mítica desta revolução na mente. Seguindo constantemente neste sentido, as *religiões* puderam efetuar uma renúncia completa do prazer nesta vida, mediante a promessa de compensação numa existência futura; mas não realizaram, por este meio, uma conquista do princípio de prazer. É a *ciência* que chega mais perto de obter êxito nessa conquista; ela, contudo, também oferece prazer intelectual durante seu trabalho e promete um lucro prático ao final.

(5) A *educação* pode ser descrita, sem mais, como um incentivo à conquista do princípio de prazer e à sua substituição pelo princípio de realidade; isto é, ela procura auxiliar o processo de desenvolvimento que afeta o ego. Para este fim, utiliza uma oferta de amor dos educadores como recompensa; e falha, portanto, se uma criança mimada pensa que possui

¹ A superioridade do ego-realidade sobre o ego-prazer foi apropriadamente expressa por Bernard Shaw nestas palavras: 'Ser capaz de escolher a posição de maior vantagem no lugar de submeter-se à direção da menor resistência.' (*Man and Superman*.) [Observação efetuada por Don Juan perto do final do interlúdio mozarteano, no Ato III. — Uma descrição muito mais elaborada das relações entre o 'ego-prazer' e o 'ego-realidade' é fornecida em 'Os Instintos e suas Vicissitudes' (1915c), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, p. 155-7, IMAGO Editora, 1974.]

esse amor de qualquer jeito e não pode perdê-lo, aconteça o que acontecer.

(6) A *arte* ocasiona uma reconciliação entre os dois princípios, de maneira peculiar. Um artista é originalmente um homem que se afasta da realidade, porque não pode concordar com a renúncia à satisfação instintual que ela a princípio exige, e que concede a seus desejos eróticos e ambiciosos completa liberdade na vida de fantasia. Todavia, encontra o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades de um novo tipo, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade. Assim, de certa maneira, ele na verdade se torna o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo externo. Mas ele só pode conseguir isto porque outros homens sentem a mesma insatisfação que ele com a renúncia exigida pela realidade, e porque essa insatisfação, que resulta da substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, é em si uma parte da realidade.¹

(7) Enquanto o ego passa por suas transformações, de *ego-prazer* para *ego-realidade*, os instintos sexuais sofrem as alterações que os levam de seu auto-erotismo original, através de diversas fases intermediárias, ao amor objetal a serviço da procriação. Se estamos certos em pensar que cada passo destes dois cursos de desenvolvimento pode tornar-se local de uma disposição a doença neurótica posterior, é plausível supor que a forma assumida pela doença subsequente (a *escolha da neurose*) dependerá da fase específica de desenvolvimento do ego e da libido na qual a inibição disposicional do desenvolvimento ocorreu. Assim, uma significação inesperada liga-se aos aspectos cronológicos dos dois desenvolvimen-

¹ Cf. a posição semelhante, assumida por Otto Rank (1907). [Ver também 'Creative Writers and Day-Dreaming' (1908e) bem como o parágrafo de encerramento da Conferência XXIII das *Conferências Introdutórias* (1916-17).]

tos (que ainda não foram estudados) e a possíveis variações em sua sincronização.¹

(8) A característica mais estranha dos processos inconscientes (reprimidos), à qual nenhum pesquisador se pode acostumar sem o exercício de grande autodisciplina, deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização — com o fato — tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer. Daí também a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes.² Mas nunca nos devemos permitir ser levados erradamente a aplicar os padrões da realidade a estruturas psíquicas reprimidas e, talvez por causa disso, a menosprezar a importância das fantasias na formação dos sintomas, sob o pretexto de elas não serem realidades, ou a remontar um sentimento neurótico de culpa a alguma outra fonte, por não haver provas de que qualquer crime real tenha sido cometido. Somos obrigados a empregar a moeda-corrente do país que estamos explorando; em nosso caso, uma moeda neurótica. Suponha-se, por exemplo, que estamos tentando solucionar um sonho como este. Um homem que outrora cuidara do pai durante longa e penosa doença mortal, contou-me que nos meses seguintes à morte daquele havia repetidamente sonhado que *o pai estava novamente vivo e lhe falava da maneira costumeira. Mas ele achava excessivamente penoso que o pai houvesse realmente morrido, apenas sem sabê-lo.* O único modo de compreender este sonho aparentemente absurdo é acrescentar 'como aquele que sonhou quisera' ou 'em consequência de seu desejo' após as palavras 'que o pai houvesse realmente morrido', e juntar ainda 'que ele [o que sonhou] o desejaria', às últimas palavras. O pensamento onírico é então o seguinte: foi-lhe penosa a lembrança de haver sido obrigado a desejar a morte do pai (como liberação) enquanto este ainda se achava vivo, e quão terrível teria sido

¹ [Este tema é desenvolvido em 'A Disposição à Neurose Obsessiva' (1913f), p. 407 e seg., adiante.]

² [Esta dificuldade é examinada extensamente na parte final da Conferência XXIII, das *Conferências Introdutórias*.]

se o pai houvesse tido qualquer suspeita disso! Assim, o que temos aqui é o caso conhecido das auto-acusações após a perda de alguém amado, e, neste caso, a auto-acusação remontou ao significado infantil dos desejos de morte contra o pai.¹

As deficiências deste breve artigo, que é mais preparatório que expositivo, serão talvez desculpadas, apenas em pequena parte, se eu alegar que são inevitáveis. Nestas poucas observações sobre as conseqüências psíquicas da adaptação ao princípio de realidade, fui obrigado a esboçar opiniões que, no momento, teria preferido reter e cuja justificação certamente exigirá esforço nada insignificante. Mas tenho esperança de que não escapará à observação do leitor benevolente como, nestas páginas também, o predomínio do princípio de realidade está começando.

¹ [Este sonho foi acrescentado à edição de 1911 de *A Interpretação de Sonhos* (1900a), Edição Standard Brasileira, Vol. V, p. 459-61, IMA-GO Editora, 1972, logo após a publicação do presente artigo.]